

CRONICA MENSAL

Em 1907, formou-se a «Triple Entente», uma aliança da Grã-Bretanha, da França e da Rússia. A Alemanha, Austria-Hungria e Itália formaram outra aliança. Mas, ao rebentar da guerra de 1914, a Itália deixou as suas aliadas e juntou-se à «Entente». A Alemanha e a Austria-Hungria foram apoiadas pela Bulgária e pela Turquia.

A Alemanha tinha-se preparado para a guerra imperialista, com o designio de lançar mão às colónias inglesas e francesas, à Ucrânia, à Polónia e às províncias bálticas da Rússia. Construindo o caminho de ferro de Bagdad, a Alemanha criou uma ameaça ao domínio britânico no próximo Oriente. A Grã-Bretanha começou a ter apreensões com o desenvolvimento dos armamentos navais da Alemanha. A Rússia czarista lutou pela partilha da Turquia e sonhou com conquistar Constantinopla e os estreitos conduzindo do Mar Negro ao Mar Mediterrâneo (Dardanelos). Os planos do governo czarista, incluíam também a tomada da Galícia, pertencente ao território Austro-Húngaro. A Grã-Bretanha lutou para esmagar a sua competidora, a Alemanha, cujas mercadorias antes da guerra estavam expulsando as mercadorias inglesas dos mercados mundiais. Além disso, a Grã-Bretanha, tencionava arrebatar a Turquia, a Mesopotâmia e a Palestina e assegurar uma posição firme no Egipto. Os imperialistas franceses lutaram para tirar à Alemanha a bacia do Sarre e Alsácia-Lorena, duas regiões ricas de ferro e carvão, a última das quais a Alemanha tinha tirado à França na guerra de 1870-71. Por tudo isto, a primeira grande guerra imperialista resultou de profundos antagonismos entre dois grupos de Estados capitalistas. Foi uma guerra para a re-divisão do mundo e das esferas de influências. Por isso afectou também os interesses do Japão, dos Estados-Unidos da América, e ainda de outros Estados, que foram arrastados para ela pelo jogo das suas alianças e das suas dependências económicas. E assim a guerra tornou-se mundial.

O capitalismo tinha conhecido uma fase «progressiva» desde o fim do século XVIII até ao fim do século XIX. Mas, então, com o agravamento das suas contradições internas e com o aparecimento do imperialismo como fase fatal da sua evolução, o capitalismo tornou-se parasitário, decadente e «moribundo». A solução dos seus problemas internos já não podia estar no regime liberal saído das revoluções burguesas e a solução dos problemas internacionais já só podia encontrar-se na guerra. Daí a crise da democracia e a fase dos conflitos internacionais que se iniciaram com a guerra de 1914-18 e que se prolongaram até aos dias de hoje. Toda a história dos últimos vinte anos é, não só na Europa mas em todo o mundo, a história do imperialismo debatendo-se com a sua própria decadência. Os planos e conferências de um acórdio económico-mundial (plano Van-Zeeland, etc.), os Tribunais de Justiça Internacional e a S.D.N. — faliram absolutamente. Os antagonismos inerentes ao estado imperialista do capitalismo não podem ser resolvidos pacificamente. Por isso se sabia que a guerra era fatal; por isso se tinha a certeza que ela viria com todo o seu cortejo de repercussões múltiplas, na ordem internacional e no plano interno dos vários Estados. Os factos aí estão. Todos sabem que não foi o pacto germano-soviético que desencadeou a guerra, embora

pareça à primeira vista que a facilitou. Realmente, já muito antes do pacto, Hitler tinha subido ao poder nas condições em que aqui dissemos (v. a crónica de Outubro), para realizar os fins imperialistas dos magnates do Reich, e já muito antes a Alemanha tinha começado a preparação para a guerra. Todos têm a certeza que, com a Rússia ou sem a Rússia, a Alemanha não deixaria de atacar a Polónia. Recorde-se que a imprensa italiana achava «naturais» as pretensões da Alemanha à Polónia. O «eixo» tão famoso daria alento a Hitler, se não tivesse sido assinado o pacto germano-soviético.

Há uma diferença profunda entre a situação de 1914 e a de hoje. Estará em haver da parte dos aliados uma superioridade inexistente então? Errariam os que a tal suposessem. A diferença está no agravamento das contradições fundamentais da história contemporânea: da contradição entre o capital e o trabalho dentro dos vários países, da contradição entre os vários grupos imperialistas, da contradição entre a metrópole e os povos coloniais, e da contradição entre a generalidade dos países e a União Soviética. Tudo isto traduz a luta corpo a corpo que é a história de hoje. Esta segunda grande guerra imperialista, tem um carácter decisivo. A marcha da história está a fazer-se com um sentido dominante: a ultrapassagem das contradições.

Quando a Itália abruptamente invadiu a sua vizinha Albânia — a imprensa de todo o mundo manteve uma atitude diplomática: censurou com moderação. Quando a União soviética, em seguida à interrupção de negociações, atacou a Finlândia, a imprensa mundial usou os seus adjectivos mais plebeus e menos diplomáticos. Qual a explicação? Se a procurarmos, talvez nos dêem esta: a Finlândia é um país simpático, progressivo, democrático; a Albânia não era nada disto. A S. D. N. expulsou a União Soviética, para dar uma satisfação à consciência universal. Mas, os países que preponderam em Genebra reconheceram ou estão prontos a reconhecer a conquista da Abissínia e da Albânia. Como se compreende isto?

A «democracia» finlandesa tem no seu activo páginas sangrentas de combate ao bolchevismo. O general Manerheim é um antigo e considerado paladino da luta anti-soviética. E Lenigrado está ao alcance dos canhões finlandeses. Tudo isto levou a União Soviética a tomar as suas precauções. Mas, como era de esperar — as negociações fracassaram. Dizem os técnicos que a vitória pertencerá às tropas russas e ao governo da «República popular finlandesa», chefiado por Otto Kunsinen. A Rússia verá assim afastado o perigo de uma invasão aliada pelo lado da Finlândia, que não deixaria de consentir passagem pelo seu território a tropas anti-soviéticas. As dificuldades que os soldados vermelhos têm encontrado no território finlandês mostram o valor da Finlândia como obstáculo considerável a uma expedição militar anti-soviética.

Por tudo isto se dizia aqui na última «Crónica» que a Rússia não procura aventuras mas vantagens e que não podemos duvidar de que sabe a maneira de as conseguir.

RODRIGO SOARES.

“Livraria PORTUGALIA,”

75, Rua do Carmo — LISBOA —

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Sempre as melhores novidades de Obras Literárias, Arte, Medicina, História, Direito, Economia, tanto nacionais como estrangeiras.

Serviço rápido de encomendas para todos os países da Europa e da América
Informações Bibliográficas sobre todos os assuntos

Fornecimento de livros para o Continente, Ilhas e Colónias.

Dirijam os seus pedidos à “PORTUGALIA,”

75, Rua do Carmo — LISBOA: Telefone, 2091

dois

Curso de Redacção e Estilo

Dirigido pelo antigo professor dos liceus e da Universidade, **Dr. M. Rodrigues Lapa**. Uma iniciativa cultural de elevado alcance, destinada a promover o ensino racional e científico do português falado e escrito, por meio da correspondência. A todos serve, novos e velhos, desde o operário até ao bacharel. Preparação intensiva para concursos, trabalhos especiais e provas públicas.

Pedir o prospecto explicativo, grátis e sem compromisso, ao

Centro de Estudos por Correspondência

Rua Newton, 3 — LISBOA

sol nascente